A DIAMANTINA
JOIAS - RELOGIOS - BRILHANTES
Rua Barão de Jaguara, 1140 - Fone 4999

CORREIO POPULAR

Domingo, 22 de Dezembro de 1956

JOIAS FINAS
A DIAMANTINA
Rua Barão de Jaguara, 1140 - Fone 4999

1956 — "Ano Santos Dumont"

Comemora-se neste ano o cinquentenário do evento que celebrizou o pai da aviação

Uma excursão ao passado, em nossa cidade, revelando-nos as coisas e acontecimentos que emocionavam Campinas — Figuras e episodios que viveram e foram vividos em nossa terra — Do balão aqui usado por Cebalos às aeronaves que hoje descem no Aeroporto de Vira-Copos

Escreveu: ALAOR MALTA GUIMARAES

O jornal "Gazeta de Campinas", edição de maio de 1876, anunciava para o dia 21 do referido mês, o seguinte:

"... No próximo dia 21 do corrente mês, fará sua primeira ascensão o intrépido aeronauta mexicano Theodulo R. Ceballos, no quintal n.o 6, à rua 11 de agosto, próximo à casa dos srs. Whitaker & Cia. O grandioso espetáculo que prepara para êsse dia, merece, em todos os sentidos, a primazia aos que, em diversos gêneros, se tem dado nesta cidade até o presente, já por sua natureza e já pela impressão que apodera dos espectadores. O intrépido aeronauta, depois de cheio o balão, apresentar-se-á vestido em trajes ginásticos e saudando aos espectadores, apoiar-se-á em duas argolas, único auxílio de salvação de sua vida e se elevará de três a quatro mil metros, executando dificílimos exercícios ginásticos durante o seu trajeto".

De fato, foi um grande dia para Campinas de então. Vejamos o que nos conta Leopoldo Amaral a respeito:

"... o quintal a que se refere o anúncio fica nas imediações do hospital da Sociedade Portuguesa de Beneficência. Lá estava, no quintal, o balão de pano de côr cinzenta (10 metros de altura) grandes proporções. Preso no alto por travessas de madeira. Em baixo, junto à boca do aerostato, ardiam combustíveis, sem labaredas, desprendendo o ar quente e densa fumarada, com que se ia enchendo lentamente o bojo colossal da "máquina infernal" como outrora foi denominado o invento de nosso patrício Bartolomeu de Gusmão. Enquanto se esperava a hora, a banda de música do velho professor Azarias enchia os ares com peças festivas. Cheio o balão, apareceu Cebalos, em trajes de maiô, como se exibem nos circos. Efetivamente, consoante o anúncio, o balão não estava munido de barquinha ou outro meio de segurança: preso por cordas, à boca do aerostato havia apenas um trapézio. Nada mais! O artista sentou-se neste, segurando-se às cordas e deu um grito de "Larga!" O balão subiu, não os milhares de metros anunciados mas subiu muito e cá de baixo o povo admirava ainda os exercícios de Ceballos, no trapézio, diminuído de tamanho pela extraordinária distância. O vento impeliu a "máquina" para o centro da cidade, até que esvaziada à fôrça - ar quente de fumaça - teve que descer, vindo a cair sôbre o telhado do sobradinho onde então existia um depósito de chapéus dos saudosos industriais Bierrenbach & Irmãos, à rua Direita (agora Barão de Jaguara) em frente à casa Barsotti (Banco Comercial de hoje).

O aeronauta nada sofreu e o povo fez-lhe estrondosa ovação".

Três anos mais tarde, isto é, em 1879, o Dr. Carlos F. de Paula em sua "Monografia Histórica - Culto à Ciência-", editada em 1946, escrevia à página 20:

"... No fim do ano seguinte obtiveram os primeiros lugares nos exames de latim, inglês e português, prestados em São Paulo, os alunos: Antonio Alvares Lobo, Adolfo Correia Dias, Francisco de Paula Pinto, Joaquim José Saraiva Junior, Tito de Sosa Rodrigues, Francisco de Assis Barros Penteado, João N. Nogueira da Mota, José Eduardo Rággio Nóbrega, João Batista Machado Junior, Manoel Saturnino do Amaral, Teotônio Elias de Paula, Abelardo Pompeu do Amaral, José Manoel Lobo, João Batista Corrêa Néri (D. Néri) e Bráulio Lodgero de Toledo, no todo 36 aprovações e apenas 6 reprovações.

Fazia parte do corpo discente Alberto Santos Dumont, que mais tarde tanto glorificou o Brasil".

Como viram os leitores, Campinas em 1876 já proporcionava à população espetáculos nas alturas; já proporcionava a êsses arrojados bandeirantes do ar a desejada oportunidade para a mostra do que eram capazes; já estimulava iniciativas que, só o tempo, só a história iria dizer do sucesso ou do fracasso dos seus iniciadores.

Quem poderia imaginar que três anos após aquele memorável domingo de 21 de maio de 1876, frequentando um dos mais famosos colégios da época (aliás até hoje), o Culto à Ciência, Campinas iria hospedar e ministrar o ensino ao futuro "Pai da Aviação," o grande brasileiro Alberto Santos Dumont?

Pois bem. Um dia, o menino Alberto Santos Dumont partiu de Campinas. Foi realizar o seu sonho; foi realizar uma façanha, a princípio semelhante àquela de 21 de maio, porém, mais tarde, muito mais importante, muito mais perigosa, isto é, a do vôo no mais pesado que o ar.

Antes, porém, da sua partida de Campinas, ninguém sabe ao certo, talvez por obra do destino, e para que ficasse provada, marcada mesmo nas páginas gloriosas da nossa história a sua passagem por aqui, no páteo do Colégio Culto à Ciência foi tirada uma fotografia onde êle — Alberto Santos Dumont —, aparece na primeira fila, sentado no chão.

Alguns anos mais tarde, já sabedor do premio "Deustch," voltou, Santos Dumont, a Campinas onde, a 18 de setembro de 1903 procede ao lançamento da pedra fundamental do monumento-túmulo a Carlos Gomes. A data foi festivamente comemorada e é Leopoldo Amaral quem nos conta:

"... A rua Barão de Jaguara e outras se achavam quasi tôdas adornadas de arcos de flôres e folhagens e os edifícios ostentavam bandeiras das diferentes nações; a estação da Paulista estava toda embandeirada e ornamentada. A Praça Floriano Peixoto e a rua 13 de Maio ficaram apinhadas de gente. As 10 horas chegou o trem especial com a locomotiva toda adornada, trazendo o intrépido aeronauta. Nesse momento tôdas as máquinas da Paulista, Mojiana e Ramal-Ferreo e locomóveis vizinhos, numa saudação formidável, apitaram simultaneamente, quatro bandas de música — a da Brigada Policial de São Paulo, a do Liceu, a Italo-Brasileira e a União Operária —, tocavam, o povo aclamava delirantemente Santos Dumont que, logo que saiu do carro, foi carregado em triunfo. No Clube Campineiro foi saudado por Coelho Neto, residente entre nós. No Centro de Ciências, Letras e Artes recebeu êle uma flâmula de seda verde e amarela com letras de ouro, oferecida por alunos do Ginásio do Estado (Colégio Culto à Ciência) e destinada ao balão n.o 10 em que Santos Dumont pretendia fazer uma ascenção. Falou César Bierrenbach."

Aos 26 de outubro de 1952, pedi ao jornal "A Defesa", infelizmente cessou suas atividades —, para que transcrevesse uma crônica de "Goodum da Fonseca", sôbre Santos Dumont, transcrição essa que foi ilustrada com a fotografia a que atrás me referi — a tirada no páteo do Colégio Culto à Ciência —, da qual cedi uma cópia ao documentário do D.E.D.C. (Departamento de Ensino e Difusão Cultural) e outra ao referido jornal.

Pois bem. Vai o Brasil comemorar o ano de Santos Dumont, dêsse ilustre brasileiro que viveu aqui na Princesa D'Oeste, onde foi aluno do tradicional Colégio Culto à Ciência, ao tempo dos Irmãos Rafael e Bento Sampaio Vidal, dois ilustres campineiros netos do Sr. Bento José de Abreu Alvares Guimarães, primeiro agente postal e Prefeito por três vezes de Campinas, sendo, o primeiro, Rafael Sampaio Vidal, Secretário e depois Ministro da Fazenda e Deputado, e o segundo, Bento Sampaio Vidal, fundador de cidades. Foi, ainda, Santos Dumont, colega de Amador Bueno Machado Florence, pai do sr. Arnaldo D'Avila Florence, e Amador Bueno Machado Florence, parentes do homem — Hércules Florence — que inventou aqui em Campinas, antes de Niepce, a fotografia.

Sôbre esta particularidade, quem desejar maiores detalhes que leia o livro de Estevão Leão Bourroul, "Hercules Florence", e muita coisa ficará sabendo sôbre o inventor da fotografia e possuidor da primeira tipografia que funcionou em Campinas, bem como da vida do maravilhoso cirurgião que foi Alvares Machado, sogro de Hercules Florence.

A respeito do 1956 "Ano Santos Dumont", publicou a Fôlha da Manhã, o artigo que com a devida vênia, transcrevo:

"... Exatamente há cinquenta anos, um brasileiro provocou em Paris, uma das emoções mais profundas até então experimentadas pela humanidade. Esse brasileiro era Alberto Santos-Dumont. A emoção por êle provocada foi a da contemplação do vôo mecânico, com aparelho mais pesado do que o ar, tudo combinado com a certeza de que dali por diante, a locomoção do homem pelo espaço atmosférico deixaria de ser mero anseio ou sonho para tornar-se realidade. Foi, com efeito, no ano de 1906, que Santos-Dumont, desviando-se das experiências com [illegible] que o haviam fascinado até aquela época, resolveu estudar os problemas que hoje diríamos "propriamente aviatórios, por se relacionarem diretamente com o aeroplano, isto é, com a máquina de vôo mais pesada que o ar.

Importa que se diga que os estudos de Santos-Dumont não foram feitos à maneira do que hoje se pode imaginar como tais. Ainda não existia a ciência da aerodinâmica aplicada ao vôo. Ainda não havia matemática aplicada à trajetória no espaço sob comando do homem. Tudo precisava ser criado desde a base. E, assim nem sequer havia uma sala em que alguém pudesse encerrar-se, para meditar ou para fazer cálculos. Em consequência, os estudos que Santos-Dumont realizou foram lucubrações inventivas, pessoais, elaboradas dentro do seu próprio cérebro, onde se encontrava sempre em atividade uma das "imaginações práticas" mais ricas e poderosas.

Nesses estudos, que, por vezes, adquiriram feição quasi cômica, quando não pareciam contrariar o bom-senso, muitos momentos houve que representaram portentos de grandiosidade e de maravilha, que elevaram o inventor à categoria de gênio autêntico.

Os momentos todos — bons, maus, cômicos, ridículos e geniais — fundiram-se, afinal, na realidade das tres jornadas de Bagatelle: uma, a de 13 de setembro de 1906; outra a de 23 de outubro de 1906; e a última, a de 12 de novembro de 1906. Das três, a mais importante — aquela que assinalou o triunfo humano sobre o espaço — foi a segunda, isto é, a de 23 de outubro de 1906. Dessa jornada é que "L'Illustration" disse que foi um minuto memorável da história da navegação aérea.

Lá se foram cinquenta anos, a contar de quando Santos Dumont realizou o feito memorável. Para assinalar a passagem do primeiro meio século, desde o feito dêsse brasileiro projetam-se várias cerimônias. Uma delas de acôrdo com o movimento encabeçado pela "Tribuna da Aviação", e liderada por Simões Costa, consistirá, provavelmente, na proclamação oficial declarando "Ano de Santos-Dumont" o ano de 1956, que agora se inicia. Quer isso significar que, neste ano, não se comemora o feito de Santos-Dumont apenas em 3 de outubro, e sim no decorrer do ano todo, com os atos solenes que os elementos li gados à aviação conseguirem coordenar, e com os festejos que as autoridades civis e militares houverem por bem promover".

Campinas que sempre acompanhou de perto as coisas do progresso, estimulando-as mesmo, não pode permanecer alheia às festividades comemorativas do "Ano de Santos Dumont", dêsse mesmo Santos Dumont que ela hospedou no passado. Detentora do melhor aeroporto natural do mundo, a cidade Princesa tem obrigação de fazer qualquer coisa. Tem obrigação de lutar pela conclusão das obras do Aeroporto de Vira-Copos, do campo que está como uma dádiva de Deus, na cidade que Santos-Dumont viveu. Tem obrigação de, na pior das hipóteses, pelo menos inaugurar no referido aeroporto, uma placa alusiva ao fato.

Se Vira Copos ainda não é uma realidade, culpa cabe ao Govêrno que não termina suas obras e não dá a êle, uma via de acesso pavimentada, condizente com a sua importância. Falha esta que vem trazendo sérios embaraços às Companhias de Aviação aqui sediadas, que chegaram mesmo a suprimir muitos vôos semanais desta para outras cidades, em face da péssima ligação existente entre a cidade e o aeroporto. Apesar de tudo, continuam com agencias em Campinas: a Real, a Varig, a Nacional, a Cruzeiro do Sul e algumas linhas internacionais que se utilizam das agencias das companhias nacionais.

Desceram em Vira-Copos, em 1955, 1290 aeronaves, das quais 997 comerciais, 205 militares, 101 de Turismo, e 16 de linhas estrangeiras!

Viram bem? 101 AVIÕES DE TURISMO chegaram até Campinas e seus passageiros não ficaram sabendo que aqui no berço de Carlos Gomes, o maior gênio musical das Américas, que aqui também viveu e se preparou para outras escolas, o homem que lhes propiciou essa maravilha que é o vôo, Alberto Santos-Dumont.

Vamos fazer qualquer coisa em Vira-Copos? Lutar pelo término das suas obras? Colocar nele um marco assinalador? Uma placa? E no Culto à Ciência para que os seus 800 alunos anuais saibam e contem, com orgulho, aos seus semelhantes: eu estudei no colégio onde também estudou Santos-Dumont.

Não me foi possível obter até o momento o movimento de passageiros, cargas etc., de Vira-Copos. Todavia, espero que as Agencias me enviem êsses apontamentos.

Celso Mendes Pupo Nogueira
Dentista
Infecções dentarias, extrações e pontes móveis. Processos rápidos e eficientes
Predio Regina 5.o and. — Praça B. Quirino — Fones 6181 - 8123 (consultorio)

Agua, Esgôto e Luz
para consertos e instalações procure
"AGUALUZ"
Pessoal especializado
R. Benj. Constant, 1188
TELEFONE 8397

Dr. Mário Bueno
— MEDICO —
Especialista - Crianças
Das 15 às 18 horas
Consultório:
1.o andar
R. Alvares Machado, 892
(esq. 13 de Maio)
Residencia: - Tel. 8383

Primeira Festa da Uva em Louveira

Marcada sua realização para os dias 28 e 29 do corrente

Louveira, há poucos anos atrás era simples estação ferroviária da Cia. Paulista e hoje apresenta-se como vila garrida, manifestando sua expansão apressada pelo casario novo e alegre. Hoje é Louveira um importante distrito do município de Vinhedo, o qual, por seu turno, desmembrou-se há cinco anos atrás do Mato Grosso do Jundiaí, como derradeiro descendente do velho município bandeirante, que foi durante largos anos todo o territorio hoje ocupado pelos municípios de São João da Boa Vista, Mogi Mirim, Campinas, Itatiba e outros.

A cultura da parreira tem começo, no distrito de Louveira, pela colonização e povoamento do Bairro do Traviú. Isto deu-se pelas alturas do ano de 1880 ou seguintes, quando então agonisava o século dezenove. Colonos italianos aportados em Jundiaí pelas iniciativas imigratórias do Núcleo Colonial Barão de Jundiaí, foram pouco a pouco se disseminando pelas terras mais distantes do centro urbano, fazendo surgir a princípio mero conglomerado de ranchos, que mais tarde se definia em alvicareira fazenda ou núcleo rural.

Vinham essas levas de peninsulares para o amanho do Café, lavoura aqui introduzida desde os albores da centúria, mas logo deram de formar pequenas vinhas, servindo-se de bacelos retirados de umbrosas cepas de Isabel, aqui existentes nos pomares das mais antigas fazendas e trazida dos arredores paulistanos, onde a variedade penetrara pelas mãos do inglês John Rudge, talvez, no primeiro quartel do sec. XIX, na fazenda que o excelente filho de Albion mantinha no Morumbi.

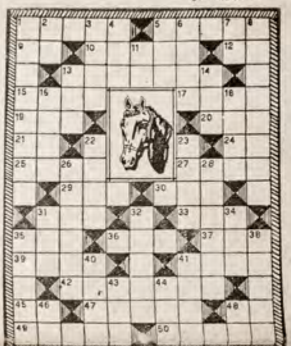
Realizando a sua primeira festa da uva nos dias 28 e 29 do corrente, Louveira vai ter a oportunidade de mostrar ao público o alto nível que atingiu na produção de uva para mesa. A técnica modelar de uso da terra, de trato do vinhedo e de beneficiamento de suas uvas, fazem de Louveira o mais adiantado centro de produção brasileiro de uva de mesa. E' o que dizem os técnicos. Será, certamente, o que confirmarão aquêles que tiverem a estupenda idéia de, nos dias 28 e 29 dêste mês, visitarem a bela povoação, encravada entre viventes vinhas.

* Tubos de Concreto (simples ou armado) para bueiros, drenos, etc.
* Guias, Sargetas e Canaletas de concreto
* Mourões de concreto (triangulares, quadrados e tipo "Indústria")
* Marcos p/ Topografia
* Peças premoldadas para construções, etc.

INDÚSTRIA DE ARTEFATOS DE CONCRETO "INDARCO" LTDA.
Escr.: Rua Álvares Machado, 892 - 9.o andar - Tel. 4709
— CAMPINAS —

PALAVRAS CRUZADAS N. 74

— J. Bueno —



HORIZONTAIS
1 — Haste das plantas
5 — Mirrado, escasso
9 — Espécie de ninho de Marne
10 — Soprar, fazer subir em labareda
12 — Prefixo, designa; Estado, mudança
13 — Coisas contrárias, opostas
15 — Terreno em frente ou de lados da igreja
17 — Gruta pequena
19 — Apologia
20 — Grande porção
21 — Símbolo químico de Arsênio
24 — O mesmo que preguiça
25 — Está obrigado no pagamento de
27 — Faz
29 — Insípido
30 — Eternidade
31 — A tenda considerada com um lar
33 — Fruta do conde
35 — Nascer, surgir
36 — Lâmpada acesa
37 — Íntima
39 — Continuações
41 — Vagar, descanso
42 — Cumprimentara
45 — Símbolo químico de samário
47 — Aumenta
48 — Encanto
49 — O melhor possível
50 — Subira

VERTICAIS
1 — Grande ameixa
2 — (Interj.) Serve para aplaudir
3 — Limpo
4 — Nordeste) Diabo
5 — Serve para exprimir: oposição, restrição
6 — Terra arroteada e própria para cultura
7 — Parte do navio que fica entre a pôpa e o mastro grande
8 — Montões de ossos
11 — Sigla automobilística do Espírito Santo
13 — Constelação austral, perto do Escorpião
14 — Forma reduzida de senhor
16 — Porção
18 — Passar
22 — Ponteiro do relógio
23 — Sarracotea
26 — Garrafas pequenas
28 — Farmácia
31 — Dialeto romanico, falado ao norte da França, significava: sim
32 — Pense, medite
34 — Aranha Amazônica
35 — Poesia
38 — Grande artéria
40 — Jorram, rompem
41 — Dito de viva voz
43 — Gemido
44 — Bebida alcoólica
46 — Sigla automobilística do Mato Grosso
48 — Ser tirado ou levado

RESULTADO DO PROBLEMA ANTERIOR

HORIZONTAIS — Sanificador, aperado, cf, ulano, a.d., rim, ali, ame, tic, mil, açu, êta, cal, nos, ata, tu, érebo, er, urococa, desamorados, oram, rela, sarar, mamar.

VERTICAIS — Sacramentados, na, ipu, fel, ira, can, ado, dó, ridicularisar, limitou, alicate, melas, ataca, eramá, rum, ecoa, bar, ocara, usar, adem, era, ola.

Colaboração de Chiru

HORIZONTAIS
1 — (Amazônia) Onomatopéia com que se indica o salto do pirarucu na água
2 — Sufixo, indica: Procedência ou naturalidade
11 — (Rio de Janeiro) (Gír) Trabalho complicado; coisa embrulhada
12 — (Minas Gerais) Papagaio de papel de formato octogonal
14 — (Bras.) Semente de mamona
15 — (Amazônia) Furo no igapó
17 — Expansão de certas sementes ou frutos
19 — Herdade; campo
20 — Símbolo químico de prata
21 — Paraíba) Diz-se do cavalo que tem pêlo branco com malhas pretas
22 — Habituação; ninho
23 — Saliência de qualquer peça arquitetônica
25 — (Pará) Espécie de peixe de água doce
27 — Partícula, que, no dialeto romanico falado ao Sul do Loire, significava sim.
28 — Forma preferível a shah
29 — (Pará) Vento que, pela tarde, agita as águas da baía de Guajará, refrescando a cidade
32 — (Rio Grande do Sul) Abater; desmoralizar; entristecer
36 — Ensejo; ocasião; pretexto
37 — Ao lado; ao pé
39 — Que tem flôres sésseis

VERTICAIS
1 — (Ceará) grande; poderoso
2 — Espécie de manto usado pelos beduinos (pl).
3 — (Paraná) (gír. esportiva) Alpinista, excursionista
4 — (Bahia) Mau cheiro
5 — O imperador da China na Idade Média
6 — (Bras.) Árvore da família das Rosáceas
7 — Animal que anda sôbre dois pés.
8 — (Rio Grande do Sul) Grande e belo (cavalo)
9 — (Interj.) Exprime admiração; espanto
10 — (Piauí) Boqueirão, garganta entre serras, que se inunda na época das enchentes
13 — Porção, quantidade
16 — Boi bravo da Lituania
18 — Adicionar; acrescentar
20 — Vinho da Prussia
22 — (Bras.) Qualquer notícia de fato ou acontecimento publicada num jornal.
24 — Costume; forma; letra
26 — (Bras.) Canoa feita de casca de madeira usada pelos índios do Amazonas (pl).
29 — Planta leguminosa e medicinal.
30 — (Bras.) Estupor; paralisia
31 — Relativo aos Jês ou Jés.
33 — (Nordeste) Diz-se de, ou uma espécie de suínos muito baixos e gordos.
34 — Espécie de maçã vermelha
35 — (Bras.) (Gír.) Pessoa de mérito em qualquer coisa
38 — Deus, em Fenício.

Vestibulares no Instituto de Educação
Curso Normal
Profa. Emilia Blach
Inicio de nova turma.
Tratar à rua Artur Ramos, 537 - Fone 6554 - Onibus Ponte Preta

Um título de elegância para você

Uma roupa da NOVA AMERICA com as vantagens que você procura

* Tecido pré-encolhido
* Corte anatômico
* Gola indeformável
* Aviamento Finíssimo
* Uma medida para cada tamanho

A MELHOR ROUPA PELO CRÉDITO MAIS FÁCIL DA CIDADE

CASA *Nova América*
RUA 13 DE MAIO 473-479 - FONE 4931